

Incentivos
e EscolhasLuís Cabral
lcabral@stern.nyu.eduOS SALÁRIOS
DOS BANQUEIROS

As diferenças de salários entre sector financeiro e não-financeiro também se verificam em Portugal. Os dados sugerem até um aumento da compensação média dos banqueiros portugueses nos últimos anos

O processo de nomeação dos administradores da Caixa Geral de Depósitos reacendeu uma polémica que já tem anos e que não terminará tão cedo: a remuneração dos banqueiros.

Dados dos Estados Unidos indicam que, em 1990, os salários do sector financeiro, ajustados para o nível de educação e experiência, estavam a par do resto dos trabalhadores. Em 2006 já eram 50% superiores. Mais: no caso dos executivos de topo a diferença era de 250%!

Muito se tem falado no incrível aumento de desigualdade no topo da distribuição, em particular os rendimentos dos gestores cimeiros. No entanto, mesmo entre estes as coisas estão longe de ser equitativas: mostrem-me dois CEO dos Estados Unidos em 2006 — um do sector financeiro, outro do sector não-financeiro — e o primeiro ganha entre três e quatro vezes mais do que o segundo (para o mesmo nível de educação e experiência).

Deixem-me antecipar duas objecções a estes dados. Primeiro, é verdade que, desde a crise de 2008, se deram alguns ajustamentos; no entanto, as grandes diferenças persistem. Por exemplo, dados referentes à Inglaterra mostram que a compensação média do sector financeiro não se alterou entre 2007 e 2011.

A segunda objecção é que Portugal não é o mesmo que a Inglaterra ou os Estados Unidos. Não disponho de valores sistemáticos relativos a Portugal, mas baseado no que tenho calculo que, *mutatis mutandis*, as diferenças entre sector financeiro e sector não-financeiro também se verificam entre nós. Aliás, os poucos dados de que disponho sugerem um aumento

Não é evidente que tenhamos melhores banqueiros em virtude de salários mais elevados

da compensação média dos banqueiros portugueses nos últimos anos, diferentemente do resto da Europa.

Uma possível defesa dos valores estratosféricos dos salários no sector financeiro é que se trata de um sector com grande importância, um sector em que decisões erradas acarretam um elevado custo para as instituições e para o país. Os salários altos permitem atrair *the best and the brightest* para o sector, minimizando assim a probabilidade de desastre.

A evidência sobre esta teoria é, quando muito, mista. Um estudo recente de Bohm, Metzger e Stromberg, baseado em dados suecos, conclui que o sector financeiro não atraiu melhor talento como resultado do rápido acréscimo de salários. (Uma vantagem dos países escandinavos é que possuem excelentes estatísticas, nomeadamente sobre habilidades cognitivas e não-cognitivas de todos os estudantes do liceu, o que para os efeitos do estudo representa a população total.)

Outro estudo, da autoria de Célérier e Vallée, mede o talento com base nas notas dos alunos de engenharia das *grandes écoles* francesas.

Mostra-se que a relação entre compensação salarial e avaliação escolar é mais forte no sector financeiro do que noutros sectores.

Estes resultados são consistentes com a ideia de que os salários altos desempenham uma função importante no emparelhamento de talento alto e empregos importantes; mas ficam aquém de uma explicação convincente para os grandes diferenciais entre os sectores financeiro e não financeiro.

Entre nós, um teste simples é olhar para as preferências de curso dos alunos com melhores classificações no liceu. Economia, Gestão e Finanças estão bem colocados, mas bem longe do topo. Isto está muito longe do que um estudo sistemático deveria ser; mas a ideia de que os salários altos atraem os melhores é, como dizia, altamente discutível.

Que tem tudo isto que ver com o problema da Caixa? A nível global (Portugal ou União Europeia), não é nada evidente que tenhamos melhores banqueiros como resultado dos salários mais elevados. A nível individual, no entanto, as coisas são diferentes. Como escrevia recentemente Francisco Sarsfield Cabral, "baixar o vencimento dos gestores [da Caixa] para níveis abaixo do que ganham os gestores de bancos privados dificultaria o recrutamento de administradores de qualidade e, portanto, a capacidade competitiva da CGD".

Talvez seja verdade: mas mais uma vez estamos perante uma conjectura com surpreendentemente fraca evidência empírica.

Professor da Universidade de Nova Iorque e da Aese

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia